

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

AS GRAVURAS RUPESTRES DA LAJE DOS SINAIS (BARCELOS, PORTUGAL).

COIMBRA, Fernando Augusto

Ano: 2001 | Número: 111

Como citar este documento:

COIMBRA, Fernando Augusto, As gravuras rupestres da Laje dos Sinais (Barcelos, Portugal). *Revista de Guimarães*, 111 Jan.-Dez. 2001, p. 183-198.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AS GRAVURAS RUPESTRES DA LAJE DOS SINAIS
(BARCELOS, PORTUGAL)

Fernando Augusto Coimbra*

INTRODUÇÃO

A Laje dos Sinais é um afloramento granítico insculturado, rasante ao solo, situado a meia encosta do Monte da Saia, freguesia das Carvalhas, concelho de Barcelos, distrito de Braga.

Um dos objectivos deste artigo é divulgar este conjunto de gravuras que estranhamente pouco tem sido estudado, uma vez que a raridade de alguns dos seus motivos lhe confere uma indiscutível importância no conjunto da arte rupestre do noroeste peninsular.

Urge chamar a atenção para a acelerada degradação que o monumento tem sofrido nos últimos oito anos, devido não só à erosão natural, mas principalmente à passagem de pessoas e veículos de duas rodas (!) por cima de parte das insculturas. Temos notado que algumas gravuras se tornam menos nítidas, de ano para ano. São aquelas que ficam precisamente no local de passagem.

Como dissemos, há poucos estudos sobre este petróglifo. Martins Sarmiento, no dia 9 de Outubro de 1881, subiu ao Monte da Saia e no seu caderno manuscrito n.º 41, pág. 127 e ss. (Arquivo de Reservados da Sociedade Martins Sarmiento,

* Doutorando em Pré-história e História Antiga pela Universidade Autónoma de Lisboa e pela Universidade de Salamanca

Guimarães), registou a existência de “uma grande laje, quase rasa com o solo e quase literalmente cheia de gravuras” (citação de CARDOZO, 1951: 13-14). Esta deve ser a referência mais antiga à Laje dos Sinais. O mesmo autor, mais tarde, publica um artigo sobre a arqueologia da Comarca de Barcelos, onde refere uma laje insculturada “onde predominam os círculos concêntricos e as covinhas (...) muito vulgares entre nós, mas onde aparece (...) o swastika – o que é muito mais raro (SARMENTO, 1895:193).

Em 1951, Mário Cardozo, utilizando os cadernos manuscritos de Sarmiento, publica um artigo onde faz algumas referências à Laje dos Sinais e apresenta um desenho das gravuras. Contudo, esse esboço contém algumas incorrecções, que pudemos constatar em Agosto de 1996, quando fizemos o levantamento das gravuras, com plástico polivinilo, em colaboração com o nosso colega e amigo italiano Giuseppe Brunod, do Gruppo Archeologico Ad Quintum de Collegno, Turim. Verificou-se, então, que a espiral do desenho de Mário Cardozo é na realidade um conjunto de círculos concêntricos. Descobriram-se também, no final da tarde, com luz rasante, novas gravuras a leste das já conhecidas e numa parte da laje que se julgava não estar insculturada (Fig. 1).

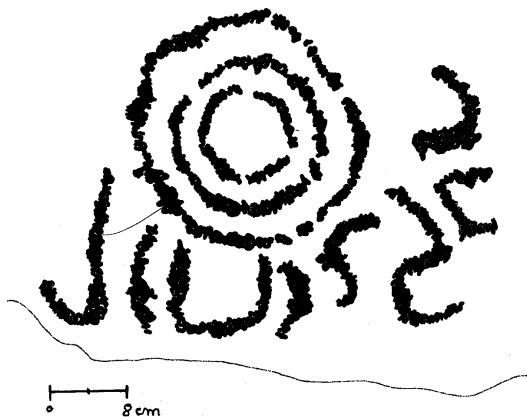


Fig. 1 – Círculos concêntricos, “ganchos” e “crescentes”
(Cf. Fig. 2). Inéditos.

No painel com maior concentração de gravuras, entre as já conhecidas, existem outras, também não detectadas por Mário Cardozo. Este autor, citando os cadernos de Martins Sarmiento refere que “parece que não há mais lajes com gravuras. Pelo menos, ninguém sabe delas e eu de balde as procurei” (SARMENTO, citado por CARDOZO, 1951:15). Na realidade, na base da vertente oeste do Monte da Saia, detectamos, juntamente com G. Brunod, também em Agosto de 1996, uma rocha com trinta e três covinhas e uma data muito posterior, do ano de 1674. Mais adiante voltaremos a falar das gravuras inéditas da Laje dos Sinais e da rocha com as covinhas e a data.

Após os pequenos artigos de Martins Sarmiento e Mário Cardozo com alusões à Laje dos Sinais, praticamente mais nada se escreveu sobre estas gravuras, excepto curtíssimas referências de alguns autores (SICARD, 1964:43).

*

O Monte da Saia, onde se situa a Laje dos Sinais, foi um Castro da Idade do Ferro e possivelmente teve ocupações anteriores. Seria do máximo interesse efectuar escavações no local, pois a sua cronologia pode remontar à Idade do Bronze e assim fornecer algumas indicações sobre os executantes das gravuras, que certamente não deveriam viver muito longe delas.

Tal como Peña Santos e Rey Garcia, pensamos que a Arte Rupestre deve ser estudada também dentro de uma perspectiva territorial pois que “la mejor comprensión de la distribución de las comunidades humanas en el pasado y la utilización que estas hacen del territorio, es más contrastable cuando la escala de análisis la constituye una región con una personalidad geográfica muy definida” (PENA SANTOS Y REY GARCIA, 1993:17).

Contrariamente ao que inicialmente pretendíamos, devido a diversas obrigações profissionais apenas temos disponibilidade para descrever as gravuras, avançando com uma interpretação só em alguns casos pontuais.

DESCRIÇÃO DAS GRAVURAS

A gravura mais rara, relativamente à Arte Rupestre Portuguesa, é uma suástica de braços curvos, inscrita num círculo (Fig. 2). Existe uma semelhante no petróglifo conhecido por Sombriñas II, freguesia de Tourón, Pontevedra, Galiza (PEÑA SANTOS, 1987:25). Na Arte Rupestre do noroeste da Península Ibérica existem mais algumas suásticas, não muitas, como já referimos na comunicação apresentada ao NEWS-95, International Rock Art Congress, Turim (COIMBRA, 1999 a).

Na laje que estudamos, existe um motivo com grande beleza estética: trata-se de três círculos concêntricos, à volta dos quais se podem ver “UU” também concêntricos. O conjunto lembra uma flor de quatro pétalas e, até hoje, não encontramos nenhum paralelo dentro do grupo de arte rupestre que tem sido designado, embora não muito correctamente, por “galaico-português”. Há três casos deste motivo: dois no painel principal, à esquerda e à direita da suástica (Fig. 2); o outro encontra-se numa zona da laje com menos insculpturas, a sul dos anteriores, tendo aí Mário Cardozo apenas detectado duas pétalas. Note-se que na época em que este autor estudou a Laje, as técnicas de detecção das gravuras eram muito mais rudimentares que na actualidade e desde então os estudos de arte rupestre evoluíram muito. Próximo deste terceiro caso existe outro semelhante mas apenas com duas pétalas situando-se junto a dois conjuntos de círculos concêntricos com covinha central (Fig. 4, ao centro).

Outra gravura curiosa é uma espécie de “gancho” que existe junto de uma das “pétalas” citadas acima, à direita da suástica, e aparece também na área da rocha que se julgava não insculpturada, sendo este último, portanto, inédito (Fig. 1). É interessante verificar que numa pedra com insculpturas, proveniente do Castro de Guifões, Matosinhos, existem também alguns “ganchos” deste género, associados a uma suástica e a covinhas, (Fig. 3). Nesta pedra de Guifões, também há, associados aos “ganchos”, alguns “crescentes” e “ss”, acontecendo o mesmo na Laje dos Sinais (Fig. 1).



Fig. 2 – Painel principal da Laje dos Sinais, fotografado de norte para sul. Compare-se com o desenho publicado por M. Cardozo (Fig. 4) e notem-se as diversas gravuras inéditas.

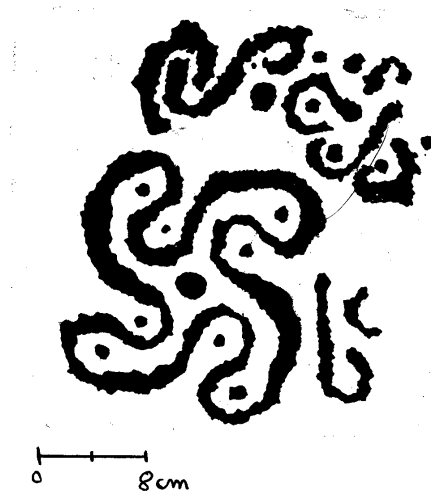


Fig. 3 – Insculturas do Castro de Guifões.

Como é evidente, existem alguns motivos em Arte Rupestre para os quais se torna difícil uma nomenclatura. Por esse motivo, para facilitar a sua descrição, resolvemos adoptar uma denominação, entre aspas, da forma que as gravuras nos sugerem.

Os motivos em maior número são os círculos, que podem ser concêntricos ou simples.

Na zona da Laje onde há maior concentração de gravuras existem mais alguns, não detectados por Mário Cardozo (Fig. 2 e Fig. 4). Também aparecem círculos na parte da rocha que se julgava não insculturada. Ainda inéditos, são alguns pequenos “crescentes” (Fig. 1 e Fig. 2) e uma espiral (Fig. 5).

Por último, a Laje dos Sinais apresenta também algumas covinhas.

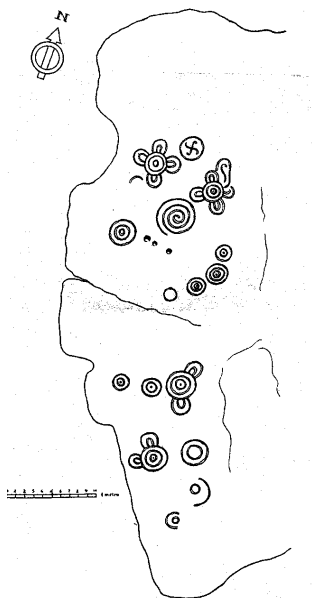


Fig. 4 – Segundo CARDOZO, 1951.

Nota: a espiral que se vê no desenho é, na realidade um conjunto de três círculos concêntricos com grande covinha central. Esta constatação efectuada em 1996 foi confirmada em Junho de 2002 através da técnica designada por “frottage”.

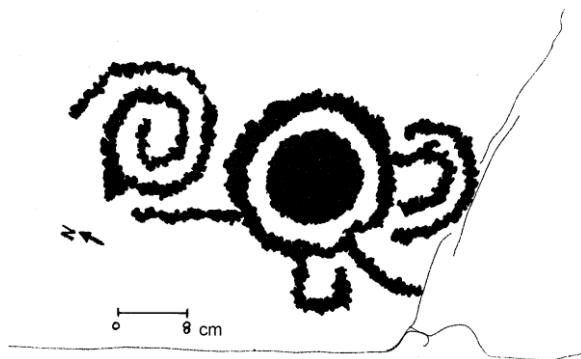


Fig. 5 – Gravuras inéditas, situadas a leste do painel principal
(Cf. Fig. 7).

Na outra rocha insculturada, situada na base do monte, existem, como já referimos, trinta e três covinhas e a data de 1674, no meio da qual se pode ver uma cruz de Cristo (Fig. 6). As covinhas estão muito mais patinadas que a cruz e respectiva data, sendo portanto mais antigas. Cronologicamente levantam problemas, pois, por exemplo, na Galiza são um motivo “que tiene una larga vida (...) desde la prehistoria hasta nuestros días” (COSTAS GOBERNA y NOVOA ALVAREZ, 1993:23). A sua interpretação não se torna fácil, havendo ainda muito que fazer no que respeita ao significado deste símbolo.



Fig. 6 – Rocha com covinhas, cruz e a data de 1674. Inédita.

A PROBLEMÁTICA DA INTERPRETAÇÃO

Qualquer investigador que se debruce sobre o estudo de gravuras rupestres, sabe das dificuldades que uma interpretação levanta. Relativamente à Laje dos Sinais, apenas avançamos com algumas achegas sobre dois símbolos: a suástica e o círculo. Sobre o primeiro já se escreveram inúmeros artigos, mas, a maior parte dos quais, insistindo em generalizações abusivas, “atribuindo um único significado a todas as suásticas presentes nos mais variados vestígios e pertencentes a culturas e épocas muito diversas” (COIMBRA e MARTINS, 1997:6). Ora, trata-se de um símbolo cujo significado pode variar, de acordo com os tempos e os lugares. Durante a Pré-história, teve uma carga religiosa muito forte, sendo, nalguns casos, provavelmente a representação de uma divindade (suprema ou não).

Temos estudado intensamente a simbologia da suástica, desde o início de Outubro de 1993. A colaboração de colegas, amigos e família trouxe-nos informações preciosas sobre o assunto. O tempo e o espaço disponíveis para apresentação deste trabalho não permite que nos alonguemos o suficiente para uma correcta tentativa de interpretação deste símbolo. Em outras comunicações desenvolvemos já alguns aspectos de carácter metodológico que devem presidir ao estudo da suástica e avançamos com uma proposta de interpretação que pode ser analisada pelos interessados neste tema (COIMBRA, 1999a, COIMBRA, 1999b e COIMBRA, 1999c).

Em Arte Rupestre, a suástica surge, por exemplo, na Península Ibérica, Ásia Central, África, América do Norte e do Sul, Grã-Bretanha e nos Alpes. Em Portugal, recentemente, colegas nossos (Carlos Batata e Filomena Gaspar) descobriram, no Vale do Zêzere, uma laje de xisto com diversas insculturas, entre as quais uma suástica funcionando como “letra” de uma inscrição com caracteres pré-latinos. (BATATA, COIMBRA, e GASPAS, 1998).

Os círculos presentes em Arte Rupestre têm suscitado diversas interpretações: símbolo solar, plantas de aldeias, altares de sacrifícios, etc. Se é certo que não se devem desprezar tais

hipóteses, “tampoco se pueden utilizar como en algunos casos se ha echo de forma generalizante, ya que (...) pueden tener significados diferentes en lugares distintos (COSTAS GOBERNA y NÓVOA ALVAREZ, 1993:35). Isto é importante sublinhar, já que muitas vezes insiste-se em generalizações que não têm nenhuma razão de ser.

Após um encontro intercontinental de cento e quarenta arqueólogos, que se reuniram na Universidade de Cambridge, no verão de 1991, para reflectir sobre a interpretação em Arqueologia, chegou-se à conclusão que: “interpretation is a never-ending process of making sense. Is essentially open and never final: more can allways be said or learned” (HODDER, SHANKS *et alli*, 1995:238). “Final and definitive interpretation is a closure wich is to be avoided suspected at the least” (HODDER, SHANKS *et alli*, 1995:6).

O estudo de símbolos em Arte Rupestre necessita de muito trabalho e, quase sempre, o melhor que se consegue é uma interpretação que pode estar mais perto ou mais longe da verdade. Insistimos nestes pontos de vista, porque continuam a publicar-se artigos com interpretações que pretendem estar 100% correctas e surgem com um carácter definitivo tal, que destoam das mais recentes concepções em termos de Arqueologia Interpretativa.

FUNCIONALIDADE DA LAJE DOS SINAIS

Num trabalho publicado em 1993, Peña Santos e Rey Garcia chamavam a atenção para o facto de haver uma diferença entre as gravuras executadas em rochas com planos inclinados, visíveis à distância (com armas, cenas de caça, cenas de equitação, etc.), e as executadas em rochas horizontais, observáveis apenas no local (com círculos, espirais, labirintos, “pallettes”, etc.). Assim, aqueles autores falam de dois tipos de “língua”, sendo a das rochas horizontais “reflejo de un ritual simbólico-religioso” (PEÑA SANTOS y REY GARCIA,

1993:36). Referem ainda que a arte rupestre galaico-portuguesa é “reflejo de la existencia de un mundo espiritual relativamente complejo en el que necesariamente habian de jugar un papel relevante ciertos individuos destacados que detentarían un mayor o menor grado de poder ideológico y, sin duda, material, al disponer del código de claves para interpretar el universo simbólico representado en los grabados” (PEÑA SANTOS y REY GARCIA, 1993:36).

Atualmente, cada vez mais especialistas de Arte Rupestre, de diversos países, concordam com a ideia de um significado simbólico-religioso para determinado tipo de gravuras. Quanto a nós, a Laje dos Sinais, devido ao seu tipo de insculpturas e localização rasante ao solo (visíveis apenas no local), situa-se dentro de aquele tipo de significado (Fig. 7). Poderá ter funcionado como um local de culto, ou santuário, sendo os autores das gravuras, como refere Umberto Sansoni relativamente à arte rupestre de Sellero, Itália, “artisti sacerdoti o artisti guidati da sacerdoti” (SANSONI, 1987:101).

Para o homem pré-histórico, certos lugares eram sagrados e era aí que se manifestava a divindade e se lhe devia prestar culto. “Tales enclaves eran verdaderos templos (...) elegidos para cumplir una doble función: propiciar el favor de la divinidad y rendirle culto mediante una muestra perpetua del sentido del rito. Para eso, nada mejor que pintar o grabar en la roca, símbolo de la inmutabilidad” (BENITO del REY y GRANDE del BRÍO, 1995:13). A rocha assim gravada fica investida de uma qualidade sagrada. E isso implica que “en ese espacio sagrado, la divinidad volverá a manifestarse, cada vez que el hombre, a través de los ritos de propiciación la invoque” (BENITO del REY y GRANDE del BRÍO, 1994:131).



Fig. 7 – Vista geral da Laje dos Sinais.

Notar, à esquerda do painel principal, a localização das gravuras inéditas correspondentes respectivamente à Fig. 1 (seta vermelha) e à Fig. 5 (seta amarela).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

As gravuras da Laje dos Sinais são efectuadas por meio de picotagem e inserem-se tipologicamente, no grupo tradicionalmente designado por “galaico-português”. Esta designação, por vezes ainda utilizada em alguns artigos, tem sido criticada, com razão, por diversos autores, uma vez que não é adequada à complexa realidade cultural e artística que pretende traduzir. Já em 1984, António Martinho Baptista propunha a distribuição da arte rupestre picotada do noroeste peninsular por dois grupos (I e II). Mais recentemente, alguns

autores galegos como Peña Santos e Rey Garcia falam também de dois grupos artísticos para aquela área geográfica, designando-os por blocos temáticos, sendo um geométrico e o outro naturalista. As gravuras de que tratamos aqui inserem-se no grupo I de Martinho Baptista e no bloco geométrico de Peña Santos e Rey Garcia. A proposta tipológica destes autores, já dos finais dos anos 90, parece-nos mais adequada à realidade, senão de toda a arte do noroeste, pelo menos à de muitos petróglifos quer galegos quer portugueses. Cronologicamente, este bloco geométrico, assim como o naturalista, parecem ser obra de comunidades que se estabeleceram no Noroeste da Península Ibérica “durante la transición entre el III e el II milénios a.C. (...) período coincidente con el desarrollo inicial de la Metalurgia” (PEÑA SANTOS, COSTAS GOBERNA, e HIDALGO CUÑARRO, 1996:85).

Como já referimos, no início deste trabalho, estas gravuras estão a sofrer uma acelerada degradação. Portanto, urge preservá-las, protegendo-as, com medidas adequadas, da erosão natural e do próprio homem – “o pior inimigo da arte rupestre” – como refere António Beltran (citado por CARRERA RAMIREZ *et alli*:1994:44).

A Laje dos Sinais é propriedade da Sociedade Martins Sarmento, instituição com largo currículo na Arqueologia, mas o facto de se situar longe de Guimarães, no concelho de Barcelos, em pleno Monte da Saia, torna difícil a tutela por parte dos seus proprietários. Pensamos que é tarefa inadiável da Sociedade, com a colaboração dos Serviços de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos e a do próprio autor destas linhas, a missão de evitar que estas importantes gravuras (recorde-se a raridade e o ineditismo de algumas delas), se percam para sempre.

Uma das gravuras que está quase perdida é a suástica. Em Portugal apenas conhecemos outra, aquela que referimos como parte integrante de uma inscrição no Vale do Zêzere. Em Abril de 1996, falaram-nos de outras suásticas, em Arte Rupestre, que teriam sido descobertas na região de Viseu. Contudo, não nos

quiseram indicar quem as descobriu, nem fornecer a mais leve informação... Também ainda não vimos nada publicado sobre o assunto... Outras gravuras em perigo de desaparecimento total são as da Fig. 1, pois encontram-se já muito erosionadas, acontecendo o mesmo com as da Fig. 5, excepto a grande covinha central.

Uma medida que se poderia tomar, relativamente à protecção da Laje dos Sinais, embora possa ser polémica, seria a construção de um pequeníssimo muro, de pequena altura, com seis ou sete blocos de cimento, próximo do topo Norte da Laje. Isto evitaria a circulação de veículos de duas rodas e/ou de todo o terreno sobre as gravuras. Quanto à estética esta medida poderá ser questionável e certamente será condenada por alguns. Mas quando há doença grave, o remédio amargo muitas vezes é que cura e a Laje dos Sinais está gravemente “doente”... É claro que, mais cedo ou mais tarde, provavelmente esse muro iria aparecer destruído, mas a sua construção seria acompanhada da implantação de uma placa informativa contendo um desenho parcial das gravuras e solicitando a circulação de veículos pela esquerda do caminho, fora da laje. Simultaneamente, com a colaboração da Junta de Freguesia das Carvalhas e da Câmara Municipal de Barcelos, poderiam decorrer acções de esclarecimento, palestras, etc., junto da população local, evidenciando a importância das gravuras, a necessidade de as preservar, e o orgulho que os habitantes da região deveriam sentir por terem, na sua terra, vestígios tão remotos e tão raros.

Outra medida, que com o decorrer do tempo se tornará imprescindível, devido à acelerada erosão verificada, é a realização de um molde das gravuras, em silicone ou em latex, não esquecendo de colocar um produto intermediário, como por exemplo vaselina, entre a rocha e o molde, de modo a não deixar resíduos nas gravuras. A arte rupestre ao ar livre é frágil, e, daqui a algumas décadas muitos petróglifos estarão ilegíveis e perdidos para sempre. O molde que propomos será um enriquecimento para o Museu da Sociedade Martins Sarmiento e um legado às gerações futuras que, de outro modo, não verão a

Laje dos Sinais, a não ser nas imagens de este ou de outros artigos. É claro que para quem conhece as dificuldades de preservação de sítios arqueológicos em Portugal, estas propostas poderão parecer sonhadoras e até ingénuas. Mas, entre não fazer absolutamente nada, deixando “morrer” a Laje dos Sinais, e tentar alguma das soluções apresentadas, a segunda hipótese parece-nos ser a única racional e deontológica.

Terminamos, vincando dois pontos de vista, de dois autores já consagrados nas lides em favor da Arte Rupestre, que pensamos que vêm apoiar algumas das reflexões efetuadas neste trabalho:

“A renovação metodológica e a abertura de perspectivas interpretativas são duas facetas de uma mesma atitude, que só trará benefícios à Pré-história da arte ibérica” (JORGE, 1983:61).

“Rock Art, that oldest trace of human spirituality diffuse in every continent, constitutes an inalienable patrimony relative to the Original Thought of Man” (SEGLIE, 1995:12).

A arte rupestre ao ar livre é realmente um património inalienável mas que com o passar dos anos se perderá para sempre. Salvemo-la enquanto é tempo!

NOTA: Este artigo foi apresentado ao IRAC 98 – International Rock Art Congress, organizado em Vila Real pela IFRAO (International Federation of Rock Art Organizations), cujas actas estão a ser publicadas “on-line”. Foi alvo de uma ou outra actualização relativamente ao original apresentado em 1998.

BIBLIOGRAFIA

- BAPTISTA, A.M. (1986) – Arte Rupestre pós-glaciária .Esquematismo e abstracção, in História da Arte em Portugal I. Alfa. Lisboa: 41-55
- BATATA, C.; COIMBRA, F. e GASPAR, F. (1998) – Gravuras rupestres inéditas do Pinhal Interior (Médio Zêzere – Portugal). IRAC 98 – International Rock Art Congress (no prelo).
- BENITO del REY L. y GRANDE del BRIO R. (1995) – Petroglifos prehistóricos en la comarca de las Hurdes (Cáceres). Simbolismo e Interpretación. Librería Cervantes. Salamanca: 7-89.
- CARDOZO, M. (1951) – Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmento. *Revista de Guimarães*, LXI. Sociedade Martins Sarmento. Guimarães: 5-28.
- CARRERA RAMIREZ, F.; COSTAS GOBERNA, F.J.; PEÑA SANTOS, A de La; REY GARCIA (1994) – El Arte Rupestre Galaico: Una reflexión crítica sobre el presente y una propuesta para el futuro. *Trabajos de Prehistoria*, 51, n.º 2. CSIC, Madrid: 41-44.
- COIMBRA, F.A. (1999 a) – The Swastika in Rock Art in the North-West of the Iberian Peninsula, in NEWS-95, International Rock Art Congress. Proceedings. CeSMAP. Pinerolo: 1-10.
- COIMBRA, F.A. (1999 b) – A Swastika durante a Idade do Ferro na Faixa Ocidental Atlântica da Península Ibérica: uma nova proposta de interpretação, in Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular, Tomo III. Universidade de Alcalá d’ Henares/Fundación Rey Afonso Henriques. Zamora: 365-373.
- COIMBRA, F.A. (1999 c) – Algumas considerações sobre a Arqueologia da Suástica, in Centenário da Sociedade Arqueológica da Figueira 1898-1910. Museu Municipal Dr. Santos Rocha. Figueira da Foz: 81-92.
- COIMBRA, F.A. e MARTINS, P.J. (1997) – A Suástica e suas variantes no Norte de Portugal, desde a Pré-História até a Actualidade. Catálogo da Exposição. Sociedade Martins Sarmento. Guimarães: 3-37.
- COSTAS GOBERNA, F.J. y NOVOA ÁLVAREZ, P. (1993) – Los Grabados Rupestres de Galicia. Monografías, 6. Museu Arqueológico e Histórico de A Coruña. A Coruña: 197-210.
- HODDER, I.; SHANKS, M. *et alli* (1995) – Interpreting Archaeology. Routledge. London: 1-18; 238-242.
- JORGE, V.O. (1983) – Gravuras portuguesas. *Zephyrus*, XXXVI. Universidade de Salamanca. Salamanca: 53-61.
- PEÑA SANTOS, A. de la (1987) – Cuatro conjuntos de grabados rupestres en la Feligresia de Tourón (Pontevedra). *Cuadernos de Estudios Galegos*, XXXVII. Santiago de Compostela: 11-25.

- PEÑA SANTOS, A. de la y REY GARCIA, J. M. (1993) – El espacio de la representacion. El arte rupestre galaico desde una perspectiva territorial. *Pontevedra 10. s/ editor*. Pontevedra: 11-50.
- PEÑA SANTOS, A. de la; COSTAS GOBERNA, F.J. y HIDALGO CUÑARRO – (1996) Los motivos geométricos en el grupo galaico de Arte Rupestre Prehistórico, in *Los motivos geométricos en los grabados rupestres prehistóricos del continente europeo*. Asociación Arqueológica Viguera. Vigo: 83-130.
- SANSONI, U. (1987) – L'Arte Rupestre di Sellero. *Studi Camuni, 9*. Centro Camuno di Studi Preistorici, Capo di Ponte: 48-56; 99-102.
- SARMENTO, F.M. (1895) – Materiaes para a archeologia da comarca de Barcelos. *Revista de Ciências Naturaes e sociaes, III*. Porto:193-194.
- SARTORIO, D. (1957) – Ensayo de Interpretación Psicológico del Arte Rupestre. IV Congreso Nacional de Arqueologia. Zaragoza: 59-63.
- SEGLIE, D. (1995) – Opening Adress, in *NEWS – 95 International Rock Art Congress*. (Livro do Congresso). Centro Studi e Museo di Arte Preistorica. Pinerolo: 11-13.
- SICARD, H. de (1964) – Relações pré-históricas entre Portugal e a África. *Revista de Guimarães, LXXIV*. Sociedade Martins Sarmento. Guimarães: 43.